



A Fome



MARTÍN CAPARRÓS

A Fome

TEMAS E DEBATES

Círculo de Leitores

Os princípios

1

Eram três mulheres: uma avó, uma mãe, uma tia. Já olhava para elas há algum tempo, a vê-las andar à volta desse catre de hospital enquanto juntavam, lentamente, os seus dois pratos de plástico, as suas três colheres, a sua panelinha enegrecida, o seu balde verde e os davam à avó. Continuei a olhá-las, enquanto a mãe e a tia pegaram na sua manta, nas duas ou três camisolas interiores, nos trapos, e os meteram num pano que ataram, para que a tia o levasse à cabeça. Mas interrompi a minha observação quando vi que a tia se inclinava sobre o catre, levantava o miúdo, o segurava no ar, o olhava de forma estranha, como que admirada, como que incrédula, o apoiava nas costas da mãe como se apoiam os miúdos em África nas costas das mães – de pernas e braços abertos, o peito da criança contra as costas da mãe, a cara virada para um dos lados – e a mãe atou-o com um pano, como em África se atam os miúdos ao corpo das mães. O miúdo ficou no seu lugar, pronto para ir para casa, tal como sempre, morto.

Não estava mais calor do que de costume.

Creio que este livro começou aí, numa aldeia muito perto dali, num ponto perdido do Níger, há alguns anos, sentado com Aisha sobre uma esteira em frente da porta da sua palhota, cobertos do suor do meio-dia, terra seca, à sombra de uma árvore com poucas folhas, os gritos dos miúdos dispersos, quando ela me falava sobre a bola de farinha de painço que comia todos os dias e lhe perguntei se realmente comia essa bola de painço todos os dias e tivemos um choque cultural:

– Bem, todos os dias em que posso.

Disse-me isso e baixou os olhos, envergonhada, e eu senti-me mal e continuámos a falar sobre os seus alimentos e a falta deles e eu, feito tolo, enfrentava pela primeira vez a forma mais extrema da fome e, ao fim de umas horas de surpresas, perguntei-lhe – fiz-lhe pela primeira vez essa pergunta que, depois, tanto repetiria – que se pudesse pedir o que quisesse, qualquer coisa, a um mago capaz de lha dar, o que lhe pediria. Aisha demorou uns momentos a responder, como se fosse confrontada com algo impensado. Aisha tinha trinta ou trinta e cinco anos, um nariz aquilino, uns olhos tristes; tudo o resto estava coberto pelo seu tecido lilás.

– Quero uma vaca que me dê muito leite, porque, se vender algum leite, posso comprar as coisas de que preciso para fazer bolinhos para os vender no mercado e com isso já me safava mais ou menos.

– Mas o que estou a dizer é que o mago pode dar-lhe qualquer coisa, seja o que for que pedir.

– A sério que pode ser qualquer coisa?

– Sim, aquilo que pedir.

– Duas vacas?

Disse-me isto num sussurro, e a seguir explicou-me:

– Com duas é que nunca mais teria fome.

Era tão pouco, pensei, primeiro.

E era tanto.

2

Conhecemos a fome, estamos habituados à fome: sentimos fome duas ou três vezes por dia. Não há nada mais frequente, mais constante, mais presente nas nossas vidas do que a fome – e, ao mesmo tempo, para a maior parte de nós, nada está mais longe do que a fome verdadeira.

Conhecemos a fome, estamos habituados à fome: sentimos fome duas, três vezes por dia. Mas entre essa fome repetida, quotidiana, repetida e quotidianamente saciada que vivemos, e a fome desesperante daqueles que não conseguem suportá-la, há um mundo. A fome foi, desde sempre, a razão de mudanças sociais, de progressos técnicos, de revoluções, de contrarrevoluções. Nada influiu mais na história da humanidade. Nenhuma doença, nenhuma guerra matou mais gente. Ainda hoje, nenhuma praga é tão letal e, ao mesmo tempo, tão evitável como a fome.

Eu não o sabia.

A fome é, nas minhas imagens mais antigas, um rapazinho com o ventre inchado e as pernas magritas num lugar que então se chamava Biafra, onde, nos finais dos anos sessenta, ouvi pela primeira vez a expressão mais brutal relacionada com a palavra fome: fome epidémica. O Biafra foi um país efémero: declarou a independência da Nigéria no dia em que fiz dez anos; ainda não tinha feito treze, já desaparecera. Nessa guerra, um milhão de pessoas morreu de fome. A fome, nos ecrãs daquelas televisões a preto e branco, eram crianças, moscas a zumbir à sua volta, o seu ricto de agonia.

Nas décadas seguintes, a imagem tornar-se-ia bastante habitual para mim: repetida, insistente. Por isso, sempre imaginei que iniciaria este livro com o relato cru, descarnado, terrível de uma fome epidémica. Chegaria, acompanhado de uma equipa de emergência, a um local sinistro, provavelmente africano, onde milhares de pessoas estariam a morrer de fome. Contraria o que se passava com pormenores brutais e, então, depois de encenar o pior dos horrores, diria que não nos podemos iludir – ou deixar que nos iludam: que as situações como essa são apenas a ponta do icebergue e que a realidade verdadeira é muito diferente.

Tinha as coisas minuciosamente pensadas, mas, durante os anos que passei a trabalhar neste livro, não houve fomes epidémicas descontroladas, só as habituais: a escassez terminal no Sahel, os refugiados somalis ou sudaneses, as cheias em Bengala. Por um lado, é uma grande notícia. Mas, por outro, não menos importante, é um problema: essas hecatombes eram as únicas oportunidades que a fome tinha para se apresentar – em imagens na televisão, nas nossas casas – aos que não sofrem dela. O que subsiste, em contrapartida, é algo muito mais difícil de mostrar: os milhões e milhões de pessoas que não comem o que deveriam e sofrem com isso e morrem pouco a pouco, devido a esse facto. O icebergue, isto é, aquilo que este livro tenta contar e pensar.

Mesmo que não diga nada que não saibamos já. Todos sabemos que há fome no mundo. Todos sabemos que há oitocentos ou novecentos milhões de seres humanos – os cálculos oscilam – que passam fome todos os dias. Todos lemos ou ouvimos essas estimativas – e não sabemos ou não queremos fazer nada com elas. Se houve tempos em que o testemunho, o relato mais cru possível, serviu, hoje já não serve.

Que resta então? O silêncio?

Aisha, que me dizia que com duas vacas a sua vida seria muito diferente. Se for preciso explicar isso – não sei se tenho de o fazer: nada me impressio-

nou mais do que compreender que a pobreza mais cruel, a mais extrema, é a que te rouba também a possibilidade de te pensares a ti próprio diferente do que és; a que te deixa sem horizontes nem sequer desejos: condenado ao mesmo destino, inevitável.

Digo, quero dizer, mas não sei como dizê-lo: o meu amável leitor, tão bem-intencionado, um pouco esquecido, consegue imaginar o que é não saber se poderá comer amanhã? Mais: imagina como é uma vida feita de dias e mais dias sem saber se vai poder comer amanhã? Uma vida que consiste sobretudo nessa incerteza, na aflição dessa incerteza e no esforço de imaginar como paliá-la, em não poder pensar em quase mais nada porque todo o pensamento é afetado por essa falta? Uma vida tão limitada, tão curtinha, por vezes tão dolorosa, tão feita de luta?

Tantas formas de silêncio.

Este livro suscita muitos problemas. Como contar o que é diferente, o mais remoto? É muito provável que o leitor, a leitora, conheça alguém que tenha morrido de cancro, sofrido um ataque violento, perdido o amor, o trabalho, o orgulho; é muito improvável que conheça alguém que viva com fome, que viva a ameaça de morrer de fome. Tantos milhões de pessoas que são o que há de mais remoto: aquilo que não sabemos – nem queremos – imaginar.

Como contar tanta miséria sem cair no miserabilismo, no uso lamechas da dor alheia? E talvez ainda antes disso: porquê contar tanta miséria? Com muita frequência, contar a miséria é um modo de a usar. A desgraça alheia interessa a muitos desgraçados que querem convencer-se de que não estão tão mal. A desgraça alheia – a miséria – serve para vender, para esconder, para misturar as coisas: para supor, por exemplo, que o destino individual é um problema individual.

E, sobretudo, como lutar contra a degradação das palavras? As palavras «milhões-de-pessoas-passam-fome» deveriam significar alguma coisa, produzir certas reações. Mas, em geral, as palavras já não têm esse efeito. Talvez acontecesse algo, se pudéssemos devolver o sentido às palavras.

Este livro é um fracasso. Para começar, porque todo o livro o é. Mas, acima de tudo, porque uma exploração do maior fracasso do género humano só podia fracassar. Para o que, é evidente, contribuíram as minhas impossibilidades, as minhas dúvidas, a minha incapacidade. E, mesmo assim, é um fracasso que não me envergonha: deveria ter conhecido mais histórias,

pensado em mais questões, entendido umas quantas coisas mais. Mas, por vezes, vale a pena fracassar.

E fracassar de novo e fracassar melhor.

«Em cada ano que passa, a destruição de dezenas de milhões de homens, de mulheres e de crianças pela fome constitui o escândalo do nosso tempo. De cinco em cinco segundos, uma criança com menos de dez anos morre de fome, num planeta que, no entanto, transborda de riquezas. Na verdade, no seu estado atual, a agricultura poderia alimentar sem qualquer problema 12 mil milhões de seres humanos, isto é, quase o dobro da população do planeta nos nossos dias. Não estamos, por isso, perante uma fatalidade. Uma criança que morre de fome é uma criança assassinada», escreveu na sua obra *Destruction Massive. Géopolitique de la faim*, o ex-relator especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, Jean Ziegler.

Milhares e milhares de fracassos. No mundo – neste mundo – morrem por dia 25 000 pessoas por causas relacionadas com a fome. Se o leitor ou a leitora se der o trabalho de ler este livro, se se entusiasmar e o ler em – digamos – oito horas, nesse intervalo terão morrido de fome 8000 pessoas: 8000 são muitas pessoas. Se não se der esse trabalho, essas pessoas terão morrido na mesma, mas terá a sorte de não ter sabido. Ou seja, provavelmente, talvez prefira não ler este livro. Talvez eu fizesse a mesma coisa. Em geral, é melhor não saber quem são as pessoas que morreram nem como nem porquê.

(Mas, se leu este breve parágrafo em meio minuto, fique a saber que, nesse tempo, só morreram de fome entre oito e dez pessoas no mundo – e respire de alívio.)

E se, por acaso, decidir não o ler, talvez a pergunta continue a dar-lhes voltas à cabeça. Entre tantas perguntas que faço a mim próprio, que este livro faz, há uma que sobressai, que continua a martelar no meu cérebro, que me oprime:

Como diabo conseguimos viver sabendo que estas coisas acontecem?





NÍGER

Estruturas da fome





1

Falara com ela um pouco antes, cinco ou seis horas antes, quando o seu bebé estava vivo, a dormir, tão magrinho, choroso, apesar de estar a dormir.

– Um médico disse-me que tenho de ter paciência, que pode ser que se cure.

Disse-me isso e hesitei antes de lhe fazer a pergunta evidente. Em geral, não há razão para fazer essas perguntas.

– E pode ser que não?

– Não sei, não sei o que pode ser.

Kadi tem cerca de vinte anos – «não sei, aí uns vinte», disse – e Seydou era o seu único filho. Disse-me que casara tarde, por volta dos dezasseis anos.

– Porquê tarde?

– Porque foi tarde. As outras raparigas da aldeia casam-se aos doze, aos dez, aos treze.

Foi o que me disse Kadi e que a casaram com um vizinho que não tinha quase nada, porque parece que mais ninguém queria casar com ela.

– Não sei porquê. Sou magrita, talvez pensassem que não prestava para ter filhos.

E que Yusuf, o seu marido, é bom rapaz, mas têm dificuldade em conseguir comida porque não possuem terras e então ele tem de trabalhar no que arranja, e que também foi difícil conseguir que engravidasse, mas finalmente aconteceu, e não sabe a alegria que nos deu, disse-me, e o medo também, porque não sabiam como iam conseguir criá-lo, mas se todos se criam eles também haviam de conseguir e a alegria por ser um rapaz e chamaram-lhe Seydou e cresceu bem, disse-me Kadi. Quando era pequenino, cresceu muito bem, estavam tão contentes com isso.